

OXALATO DE CÁLCIO EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: ESTUDO DE CASOS EM ABRIGOS NO PARQUE NACIONAL CAVERNAS DO PERUAÇU (MUNICÍPIOS DE JANUÁRIA E ITACARAMBI – MG)

Luíza Maria de Melo Pinheiro (*); Luiz Antônio Cruz Souza (**); (*) Depto de Química – ICEX – Univ. Federal de Minas Gerais – UFMG – Av. Antônio Carlos, 6627 – CEP 31270-901, Belo Horizonte – MG; (**) Escola de Belas Artes – Univ. Federal de Minas Gerais – UFMG – Av. Antônio Carlos, 6627 – CEP 31270-901, Belo Horizonte – MG

Introdução

O Rio Peruaçu localiza-se na região norte do Estado de Minas Gerais e é um dos afluentes do Rio São Francisco. Ao longo de seu curso, existem vários sítios arqueológicos, apresentando maior ou menor grau de degradação, sob a administração do IBAMA, na área englobada pelo Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Recentemente, foram caracterizados os pigmentos utilizados nas pinturas rupestres, primeiro estudo do tipo no Estado, e foi identificado, pela primeira vez num sítio arqueológico brasileiro, o oxalato de cálcio (CaC_2O_4), dentre os materiais associados às degradações¹.

O trabalho em tela centra-se em um dos agentes de degradação, os líquens, que passaram a constituir um problema sério em época relativamente recente. Os líquens podem alimentar-se da rocha calcárea e da pátina de carbonato de cálcio que recobre a rocha e as pinturas, e o oxalato de cálcio é um dos produtos deste metabolismo.

Materiais e Métodos

Inicialmente, foi feita a documentação fotográfica (máquinas com filme e digital) das áreas atingidas pelos líquens em três abrigos com pinturas rupestres no Parque: Abrigo Norte do Janelão, Abrigo do Malhador e Toca Vermelha. Foram retiradas amostras das áreas mais atacadas, onde se observou efetivamente a destruição das pinturas por este agente específico.

Resultados

Os abrigos se encontram em diferentes estados de conservação, dependendo das condições do ambiente e da maior ou menor facilidade de acesso.



Fig.1 Pintura no Abrigo do Malhador, geométrico em vermelho e amarelo, com manchas brancas de líquens.

A figura 1 mostra uma pintura num teto do Abrigo do Malhador, abrigada da luz, mas já bem atingida por líquens (manchas brancas), observando-se a escamação da tinta onde o microorganismo já secou e se desprendeu da rocha. Este é o sítio mais degradado,

sendo que o paredão externo está com grande área (mais da metade) coberta pelos líquens e com as pinturas remanescentes muito esmaecidas.

O Abrigo do Janelão, juntamente com o Malhador, é dos mais visitados, porém as pinturas estão em melhor estado. Há grandes áreas do paredão cobertas por líquens, mas são áreas sem pinturas.

A figura 2 é do abrigo em melhores condições e de acesso mais difícil, a Toca Vermelha.



Fig.2 Coluna no abrigo Toca Vermelha. Ataque de líquens sobre pinturas.

Conclusões

O líquen tem a provável identificação de *Aspicilia calcarea*, espécie que se desenvolve em climas secos. Aponta-se o desmatamento crescente da região como uma das causas do aumento da atividade do líquen nos últimos anos, o que parece corroborado na comparação que se fez entre os sítios ora estudados.

As visitas aos abrigos também estão diretamente relacionadas à degradação, e devem ser objeto de cuidadoso planejamento, uma vez que se prepara a abertura do parque ao turismo.

Referências

(1) David, Helena. *Conservação de arte rupestre pré-histórica no Abrigo Norte do Janelão, Vale do Peruaçu, MG*. Dissertação de Mestrado, Escola de Belas Artes, UFMG, Belo Horizonte, 2001.

E-Mails dos Autores

lmaria@netuno.lcc.ufmg.br
luiz-souza@ufmg.br